

# O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez. distribue-se gratuitamente ás pessôas pobres que souberem ler e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2\$000 reis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 25 de Novembro de 1868.

Numero 10

## O AMIGO DO POVO.

Theresina, 24 de Novembro de 1868.

Respondendo Jesus Christo a certa pergunta que lhe fizera Caiphaz,—aconteceu que um adulator miseravel desse-lhe uma bofetada, por suppor que o divino mestre tinha sido insolente para com o pontifice judeu.

« Se eu fallei mal, replicou Jesus, dá tu testemunho do mal; e se eu fallei bem, por que me feres? »

Parecem-se os redactores do « Piahy » com aquelle officioso *amigo* de Caiphaz: esbofeteão moralmente áquelles que dizem a verdade, embora amarga, aos poderosos da terra!

Se o « Amigo do Povo » fallou bem, ainda que cheio de indignação; devião os redactores do « Piahy » transcreverem simplesmente o seu artigo que tem por titulo os—Dois ladrões—ajudando-o assim a stigmatizar os *grandes homens* de consciencias *microscopicas*.

Se, porem, o « Amigo do Povo » fallou mal; por que, nesse caso, não convencêrão-n'o disso mesmo;—porque não mostrarão a toda luz que os principes tinhão sido calumniados? . . . .

Preferirão dizer, em tom dogmatico, que este periodico era um *immundo pasquim*! Mas, assim mesmo, tiverão animo para erguer do chão aquillo que lhes causava asco, e, *por amor á monarchia*, depositarão aquella *podridão* nas nitidas paginas de um jornal tão puro como a neve!

A dextra que se abaixou, tentou talvez, n'um impulso generoso, beijar aquellas palavras bem ditas; mas, ao erguer o braço, teve medo, arrependeu-se, e para desculpar-se do primeiro impulso—desandou-nos um tremendo bofetão! . . . .

Quando a face nos fica rubra, não de pejo, por não haver motivo para isso; mas porque sobre ella se nos deu violentamente uma pancada machinal, ou, pelo menos, estúpida; devemos considerar que a patada, por mais bem applicada que seja, não é tão esmagadora como a verdade atirada com toda a força do raciocinio.

O « Piahy » não raciocinou quando chamou o

« Amigo do Povo » *immundo pasquim*: o medo d'el-rei nosso senhor tirou-lhe até a lembrança de provar a innocencia dos principes. Não fallemos em reminiscencia! Nem se quer recordou-se o « Piahy » que elle proprio já serviu-se desta *delicada* phrase: « sentina de ladrões »—que em 6 de junho do anno passado applicou a uma respeitavel corporação que, *pelo menos*, devia ter excepção naquelles 10 *integerrimos* representantes que combaterão contra os historicos 87 no memoravel 16 de julho, na occasião do celebre assalto—dado para obter-se dinheiro para a continuação da guerra.

O « Piahy » parece que quer monopolisar as expressões *energicas*; passando-as unicamente por sua conta, *mesmo sem o cunho da verdade*.

O que é certo é que, o « Piahy » pode ter o direito de ficar indignado quando lhe aprouver, mesmo fóra de proposito, como por exemplo no seu noticiario de n. 4. . . . O « Amigo do Povo » porem, embora com algum fundamento, não tem razão de indignar-se, a vista d'um clamoroso desperdicio do suor do povo; sob pena de provocar náuseas ao « Piahy. »

Diante de uma justa indignação—não ha expressão que seja asquerosa; com tanto que ella seja a mais apropriada para aprofundar o stigma.

Jesus Christo mesmo, apesar de ser manso como um cordeiro immaculado, teve occasião de assim fallar:

« Ai de vós, escribas e pharisêos hypocritas, por que sois semelhantes aos sepulchros branqueados, que parecem por fóra formosos e por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a asquerosidade e podridão.

« Serpentes, raças de viboras, como escapareis vós de serdes condemnados ao inferno? »

O divino mestre, dirigindo-se assim aos que exteriormente se mostravão justos, mas que interiormente estavão cheios de hypocrisia e iniquidade; por ventura legou aos seus apostolos e evangelistas uma pagina *immunda*?

Immunda é a consciencia dos hypocritas que não sentem o proprio bafo, e achão, todavia, insupportavel o halito alheio.

O « Piahy » que procure curar suas mazellas e nos deixe trilhar o nosso caminho, que é bem diver-

so d'aquelle que vai seguindo o phariseu monarchista ou o escriba da realza absoluta. . . .

E' bom ter nojo dos termos *indecentes*; mas, é melhor ter horror ás acções torpes.

## TRANSCRIPÇÕES.

SOROCABA.

### Grande acontecimento.

Naquelle cidade, que, primeira em 1842, levantou o brado revolucionario contra a infame lei de 1 de dezembro de 1841, que deveria estabelecer o despotismo imperial: naquella grande terra, cidade de S. Paulo, que é a patria de Amador Bueno, de Feijó, e de Paula Souza, e de Alvares Machado, naquella Sorocaba revolucionaria e heroica—se deu um facto immensamente grande, immensamente glorioso.

Era o dia 7 de setembro de 1868, o povo convidado para eleger os representantes do municipio, e seus juizes de paz, concorreu pressuroso, crendo ser o poder sincero, quando apregoava a liberdade do voto.

Todos os partidos, liberal e conservador, se achavam reunidos, quando os esbirros do poder se intrometteram, e fizeram convencer a todos, que o poder no Brasil falsario sempre, indigno sempre, considerando o povo como rebanho de carneiros, como *raça governada* a quem só cumpre obedecer, não queria a verdade da urna; mas perpetuar esse indigno sophisma, a que no Brasil se chama eleição.

Em momento tão solemne, o povo reflectiu, e como que inspirado pelo Deus de nossos pais, que é o Deus da liberdade, se congregou, e reconhecendo dever oppôr resistencia pacifica á *raça governante* absteve-se de fazer a eleição, e unificado em um só pensamento, e ao depois de passarem o dia em festas, fizeram passeata ao som de musica, e ao brado de—*viva a republica*.

Desapareceram os partidos monarchicos em Sorocaba, todos os sorocabanos confundiram-se em um só partido—o da verdade, para aquisição da qual força é que venha a republica; mas a *republica federativa*.

Assim, naquelle ponto da provincia de S. Paulo já estão em frente a *raça governante* e a *raça governada*, já não ha confusão, já não pode ser possivel a anarchia.

*Raça governante*, d'onde te veio o direito de perpetuamente mandar? De Deus não; si o recebeste do diabo, é tempo de ires com teu protector para as profundas do inferno.

O governo não é, nem pode ser um direito de ninguem, é um dever, é um encargo submittido sempre á vontade do povo, a quem deve contas do seu mandato.

*Raça governada*, levanta-te da humiliação, em que o habito te mantém; tu és a unica senhora dos teus destinos; os reis são nada diante de ti: o poder que te esmaga tira-o a *raça governante* do emprego

de tuas forças; crusa os braços diante dos tyrannos, fica immovel, e elles cahirão.

E' depois abi está o exemplo de Sorocaba—o povo não tem partidos, o povo é irmão; e por tanto não se deve prestar a ser instrumento contra si proprio, contra seus irmãos.

O que nos convem é a *revolução pacifica*; por toda a parte o povo deve recusar-se a obedecer ao poder anarchico, que nos flagicia, e essa só resistencia bastará para salvar-nos.

Mandem que prendamos a um nosso irmão, não o prendamõs; facilitemos-lhe meios de escapar-se á tyrannia brutal deste imperio, e basta.

Querem nossa presença para legalisarem suas saturnaes eleitoraes, não vamos lá, e deixemos que o governo escreva actas, e designe seus escolhidos.

E vamos dizer uns aos outros:

Só ha salvação na republica federativa.

E um dia, sem abalo, nem commoção,—quando a opinião fôr geral,—teremos transformado nossa sociedade sem a menor perturbação, sem offender nem um direito; e os que hoje nos opprimem serão os primeiros a abraçar-nos.

Democratas, UNIÃO, e olho bem vivo.

Deus e liberdade.

Só Deus é grande.

Os reis todos são vermes, como qualqner de nós, ou como diz a escriptura—*são pó, e em pó se hão de tornar*.

(Do Tribuno.)

### Proclamação sentença, distribuida em Cadix contra S. M. a rainha D. Isabel II.

« Viva a soberania nacional! Não queremos insultar D. Izabel de Bourbon, ultimo individuo da raça dos Bourbons, como Carlos II foi o ultimo rei da casa d'Austria. E' verdade que por ella padecemos no desterro; é verdade que por ella vemos abatida e humilhada a nobre terra em que nascemos e em que estão enterradas as cinzas de nossos maiores; é verdade que por ella temos ouvido as descargas iniquas com que fuzilaram nossos irmãos; é verdade que por ella temos ouvido o bradar das victimas e o ranger dos ossos, e temos visto humedecer a terra de sangue e umbrar-se o sol, porque o sangue humano empallidece a luz; é verdade que por ella ouvimos o grito horrivel de uma mulher que cahio sem sentidos ao ouvir uma voz que lhe dizia:— teu filho foi fuzilado. Tudo isto é verdade, e todavia procuremos conter a nossa indignação para que se não diga que faltamos á cortezia que todo o homem bem nascido deve a uma dama. Mas tambem é verdade que se poderia dizer que quando uma dama se não lembra do que deve a si propria; quando uma dama macula a honra de uma nação; quando uma dama perde um povo, esse povo tem o direito imprescriptivel de aproximar-se d'ella e dizer:— *Mulher que fazes?* Pois apezar disto resolvemos não nos irritarmos com a actual rainha de Hespanha, por isso mesmo que é

tão criminosa. O juiz equitativo não deve irar-se contra o réo. Basta que lhe faça crer os seus crimes e lhe leia a sentença; sobre tudo que lhe *leia a sentença*.

« Izabel de Bourbon, vamos a contas; mas para ajustar essas contas que são uma grande divida do teu passado, do teu presente e do teu futuro, não hasde apresentar-te ataviada de tuas galas lascivas. Basta de festins! basta de delirios! basta de febres! hasde comparecer neste juizo vestida de preto. Vestidos de preto apparecem hoje ante a historia, Luiz XVI, Carlos X, Fernando de Napoles, Fernando VII, teu pai, e Carlos o faccioso teu tio.

« Izabel de Bourbon, para os *maus reis nem tudo é reinar*.

« Izabel de Bourbon, os hespanhoes podem passar sem ti e sem atua raça. Que és tu e a tua raça sem os hespanhoes? Pensas tu, Izabel de Bourbon, que dezeseis milhões de creaturas nasceram para que tu as assassines e deshonres? Izabel de Bourbon, pensas que esse Deus que te negou a sciencia e a virtude, e uma virtude que é virtude-sciencia, e a que o christão chama caridade, pensas que esse Deus que te negou a caridade (e não pode negar-se mais a uma mulher que é mãe) te podia dar o senhorio absoluto de dezeseis milhões de creaturas?

« Izabel de Bourbon, acerca-te vestida de preto e ouve:

« Pensas talvez que os liberaes foram assassinados e tu escapaste sã e salva? Ah! não, Izabel de Bourbon, a terra está mais proxima do céu ou o céu mais proximo da terra. Izabel de Bourbon, a lei humana chega mais abaixo e mais acima. Izabel de Bourbon, tu que assignaste a sentença de morte do filho da mãe hespanhola, firmaste a tua sentença e a dos teus.

« Izabel de Bourbon, a mãe que não perdoa ao filho de outra mãe, não tem direito a pedir perdão para seu filho. E eis aqui como por meio d'estes arcanos adoraveis, criação mysteriosa e sublime, que tu não comprehendes, e que está infinitamente mais alta que os thronos, se cumpre no mundo a verdade divina, porque o primeiro enforcado não é o enforcado, mais sim o que enforca.

« O primeiro enforcado é o carrasco. O primeiro enforcado na forca dos liberaes hespanhoes, és tu. Queres a prova d'esta verdade? Fecha-te sosinha n'uma sala do teu palacio; recolhe-te a ti mesma, se t'o permitem os prazeres e os teus baixos adula-dores. Põe um dedo sobre as ulceras da tua alma e verás como estremeces. E com effeito debes estremecer!

« Sim, tens razão para tremer, Izabel de Bourbon. Depois dos fuzilamentos de junho deste valsar em Zarauz como para te regosijares no insulto feito ás sombras d'aquelles pobres assassinados. Valsa, ri e gosa, coração de pedra, mas fica sabendo que até o ruido dos teus passos, eccôa nas sepulturas dos cemiterios. Dize, quando valsavas não sentiste nenhuma mão occulta puxar-te pelos cabellos?

« Mas não tocámos ainda o ponto principal d'esta interrogatorio.

« Izabel de Bourbon, acerca-te e ouve. Chegou a hora de ouvir, que é como principia a hora de expirar. Chega-te a nós e não temas que os nossos olhares se confundam; juramos que te não olhamos para a cara, Izabel de Bourbon, responde:— Não és tu que mandas as tuas camisas a um convento para que uma freira as vista e as santifique? Não és tu que beijas estampas, allumias imagens e devoras os santos? Não és tu que choras e ajoelhas aos pés de um frade supersticioso para que te perdôe segredos obscenos, como se um pobre frade tivesse poderes do céu para lavar as manchas indeleveis da impureza?!

Izabel de Bourbon, com que fim nos dás este espectáculo burlesco das tuas mogigangas? Fazel-o com o fim de chamar Narvaez depois da matança de 10 de abril e gritar-lhe furiosa « *para quando guardas a artilharia?* » Izabel de Bourbon, ouve: não satisfeita com os assassinios commettidos até em creanças de nove annos, mortas pelas costas (já te não lembras? pelas costas! Parece impossivel que sejas mãe); não satisfeita com saber que uma joven esposa enlouquecêra de magoa e de desespero, querias varrer os estudantes com a metralha dos teus canhões. Izabel de Bourbon, tem uma vez memoria; se se podessereunir todo o sangue liberal que por ti se tem derramado na Hespanha, um rio immenso de sangue seria a Hespanha. Rainha ingrata, dize: não te bastava esse rio de sangue que por ti verteu o povo liberal contra D. Carlos para que hoje sejas o primeiro carlista?

Rainha ingrata, dize, não era bastante para saciar a tua sede — o espectro horrivel de tantos liberaes vendidos e sacrificados em todas as epochas, porque parece que a raça Bourbonica dão sabe adorar nem crer, nem servir a Deus, senão exterminando os liberaes? Rainha ingrata, dize: não vê, aquelle espectro, não ouves muitos gemidos? Mas, tu não ouves, não sentes, nem vêes. Mãe que não ouve outra mãe não tem ouvidos em seus ouvidos, nem olhos em seus olhos. Essa mãe de ferro é uma entranha que não tem entranhas.

« Mas tudo se paga, Izabel, de Bourbon. Não se sabe onde, nem como, nem quando, mais paga-se. Chega-te ainda que seja de cabeça baixa e de olhos cravados no chão. Chega-te e responde: em vez de mandar camisas ao convento, onde se passam infamias, que escandalisam até os libertinos, convento que é um *bordel*, do que não pôde dizer-se; convento que é a Pentapolis maldita da Hespanha, onde reinam todos os vicios até a torpeza de Sodoma (tens no palacio quem o sabe) em vez de mandares camisas a uma freira embusteira, que encobre hoje as lascivias que já não pôde dar; em vez de beijares estampas, de illuminares imagens, de chorares e de ajoelhares aos pés de um padre estúpido; em vez de tão abominaveis e loucas trapaças, por que não foste uma rainha humana, uma mãe prudente, uma esposa fiel e uma hespanhola amante do seu povo?

« Chega-te Izabel de Bourbon, ainda que venhas tremula e balbuciante, responde: Para que fim querias que a camisa fosse santificada? Guardas para isso a santidade? Para a tua camisa! Mulher obsecada, que ha de fazer um povo affrontado por ti com a santidade da tua camisa? Santificas a camisa e não santificas a consciencia! Santificas a camisa e não te sacias com o sangue dos filhos que te pozeram no throno. Santificas a camisa, rainha gentil, e vendes e fuzilas os descendentes dos teus defensores e martyres.

« Dirás: *Salvarei a alma, já que não pude salvar o corpo.* E nós dizemos-te: *Salva o corpo, já que perdeste a alma.* Izabel de Bourbon, não busques reliquias nem escapularios; para o que mata a sangue frio, rindo e dançando bourbonicamente: para o que mata como tu matas, não ha providencia. A crueldade e a aleivosia não teem Deus. E talvez não sejas culpada, és um aborto de um sonho de Fernando, d'aquelle Fernando que se não ria senão quando pensava em commetter uma traição; e sorria-se muitas vezes porque, como disse um historiador, os Bourbons riem do mesmo modo que silvam as cobras. E's filha d'aquelle Fernando doble, insensivel, gelado, sardonico *com mais malicia que narices.* E's filha d'aquelle Fernando, cujo talento era atraiçoar e escarnecer, por isso não deve estranhar-se que sejas a inimiga jurada de um povo tão soffredor. O teu odio para o povo é natural, como é natural que o veneno mate. Mas o rifão te explicará o que ha de succeder bem cedo. Sim, bem cedo.

Aproxima-se o instante em q' a historia perguntará, que é feito do throno dos Bourbons? E um povo leal erguendo a fronte abatida e chagada, responderá á historia: *Aquelle throno era immundo e sanguinario, e afogou-se em sangue e immundicie.* E a França responderá: E' verdade; e Napoles responderá: E' verdade; e o mundo responderá: E' verdade.

« Foge de Hespanha, Izabel de Bourbon; ainda é tempo de fugir e de evitar um processo em que terão de apparecer crueldades e vicios, que acabarão de deshonrar-nos aos olhos da Europa e do mundo. Estamos já fartos, tu o sabes; foge, vai-te para onde estão os filhos do faccioso D. Carlos, já que és mais facciosa que elles. Prende-te o paiz em que nasceste? E's estrangeira na tua propria uação. A Hespanha não é patria do que a assassina. Prende-te o direito de reinar? Tu já não és rainha dos Hespanhoes. E se não deixas um throno que maculas, se não foges de um povo a quem perdes, não te chamaremos mulher perfida, nem rainha aleivosa, nem esposa adultera, porem ainda que nos retalhem as carnes, teremos que chamar-te, mãe insensata, mãe cruel.

« Izabel de Bourbon, não confies em quarteis, nem torres blindadas, que afinal não são outra cousa mais do que o ultimo entrincheiramento de um despotismo desesperado; não confies n'esses ultimos baluartes da tua tyrannia, foge. E se algum dia te pe-

sarem os males que vão calir sobre ti, inclina a fronte e exclama: *Assim o preparei e assim o quiz e accrescenta depois: por mais que eu padeça, mais fiz padecer um povo nobre, como é o desgraçado povo hespanhol.*

Abaixo os Bourbons! Viva a soberania da nação !!! »

(Do Diario de Pernambuco.)

## PARTE NOTICIOSA.

TIGRE BIPEDE. — Calament'Hymno, o feroz sandjak de Picos, no dia 17 do corrente accommetteu traiçoeiramente ao distincto juiz municipal Dr. Lourenço Valente, — descarregando um cacete na cabeça d'aquelle illustre victima do fanatismo estúpido!

O Dr. Valente tinha ido visitar áquelle demonio, de instincto bourbonico, que *ri-se do mesmo modo que as cobras silvão!*

O musulmano sanguinario não teve hospitalidade de Arabe para o cavatheiro que se achava sob o tecto do *renegado!*

Em o numero seguinte, trataremos ainda deste facto inaudito, que acaba de chegar ao nosso conhecimento, quando este numero de nosso periodico está quasi todo composto.

E' PROPRIO DA EPOCHA. — Hontem ás 11 horas do dia, na rua de Paysandú, uns escravos do musulmano Joach-Him-Chand fizeram passar uma porção de cavallos por cima de uma pobre mulher velha de nome Thomazia !!!

Os *cadis* não tomarão alguma providencia?

S. ANNA. — N'este livah, do eyalet do Ceará, um certo Vigario, *Nog-Heira* tinha revelado instinctos de lobo contra o devastado *rebanho* grego, que elle deseja ver exterminado completamente; não poupando para isso — nem mesmo um sacrilego pacto com o diabo!

FALLECIMENTO. — Este mez de novembro tem sido bem fatal á respeitavel familia Morada, a quem acompanhamos em seu profundo pesar, por ter visto — em 15 dias — fenecer prematuramente duas de suas mais viçosas vergontes!

Primeiramente, a 7 do corrente, succumbio o jovem Mariano Morada que ainda não tinha completado 20 annos de idade; depois, a 21, finou-se seu irmão Manoel Morada, tambem na flôr dos annos, pois ainda não contava 23 primaveras!

E' o caso de dizer, com Lisboa Serra, que é assaz lastimoso:

« Morrer tendo no peito tanta vida,

« Tanta idéa na mente, tanto sonho! . . . »

Lá no cemiterio, estão contiguas as catacumbas dos dois irmãos! . . . Castor e Pollux lhes cederia seu brilhante logar, no firmamento; se por ventura a alma chistã não voasse além dos astros, para só repousar no empyreo, entre os resplendores da luz perpetua.